

HOERMEYER E O RIO GRANDE

Guenter Weimer

Por intermédio do presidente do CREA-RS, o arquiteto José Volkmer, veio dar em minhas mãos uma obra rara de Josef Hoermeyer intitulada **Descrição da Província do Rio Grande do Sul com atenção especial em sua colonização**. Trata-se de uma brochura de exatamente 100 páginas em papel ordinário, nas dimensões de 11 por 18cm. Foi editada por Michael Kroeff, em Coblenz, no ano de 1854. A introdução está datada de outubro de 1853 quando o capitão Hoermeyer ainda estava na ativa, em Porto Alegre.

A obra deve a sua raridade ao fato de ter sido publicada em forma semiclandestina e destinada a propagar as possibilidades da nossa terra aos eventuais emigrantes numa época em que começaram a se manifestar contestações ao movimento emigrantista ao Brasil e que encontraria sua forma oficial no escrito de von der Heydt, em 1859. Sua impressão é precária, assemelhando-se, na forma, aos folhetos de literatura de cordel nordestina, ainda que, devido aos tipos miúdos, com 40 linhas e 65 toques por página, o conteúdo seja relativamente extenso.

A matéria apresenta descrição geográfica da Província, de seu clima, de seus produtos naturais, da população, da colonização e dá conselhos gerais para emigrantes. Complementarmente, em forma de apêndice, são reproduzidos documentos oficiais de interesse a candidatos a emigrantes como a lei Eusébio de Queiroz, leis de terras, extratos da constituição nacional, dos orçamentos provinciais de 1849 a 51 no que tange à colonização e dos relatórios sobre as três colônias de São Leopoldo, Três Forquilhas e São Pedro. Este apêndice ocupa a quarta parte final do volume.

Em seu conteúdo transparece um espírito inquieto e encantado com a nossa terra. Ao contrário de sua obra mais conhecida e publicada entre nós com o título de **O que Jorge conta sobre o Brasil**, em que apresenta relato sóbrio de suas experiências em terras brasileiras, nesta primeira obra, mais expedita e sintética, é apresentado painel muito mais emotivo e de deslumbramento. Escrita em prosa fluente e de fácil leitura, esboça retrato da Província vista a partir de Porto Alegre, ao contrário dos

demais autores de então que se compraziam mais em descrever o interior. Pequeno exemplo disto é sua descrição da Capital:

“Porto Alegre, a Capital da Província, sede da presidência e da administração provincial, bem como do bispado, com 24.000 habitantes dentre os quais, pelo menos 2.000 alemães, está situada numa península da Lagoa de Viamão, numa região por demais agradável. É uma das mais belas cidades brasileiras, cercada de magníficas casas que parecem semeadas ao largo da praia e cercadas dos mais variados verdes jardins, tudo se destacando sobre um fundo formado pelos morros da Serra... Porto Alegre tem um liceu, várias escolas públicas e alguns pensionatos... A razão principal do bem-estar da cidade deve-se ao comércio ultramarino e interno com a colônia alemã de São Leopoldo, próxima, que só dista sete léguas e que é atingida através dos rios Caí e dos Sinos...”

Quanto à população, sublinha seu comportamento cortês e hospitaleiro. Faz os mais rasgados elogios à beleza de suas mulheres mas não entende que elas sejam incapazes de levar qualquer pacote, mesmo que seja apenas um livro, para o que necessitam de um escravo. Lamenta, no entanto, que a educação das donzelas não esteja ao nível de sua beleza.

Seu deslumbramento bem pode ser avaliado quando descreve o “jogo do entrudo” das quintas-feiras gordas e dos dias de carnaval, quando os transeuntes se divertiam atirando, uns nos outros, bolas de cera contendo água: “... o que normalmente leva ao assalto de casas e quartos e, na falta de munições de cera, é-se levado a apelar ao balde d’água e a que as pessoas se molham totalmente. Disto não escapa pessoa de qualquer sexo, qualquer nível social, qualquer idade; todos participam da brincadeira a não ser que se fechem porta e janelas...”

Como o autor tinha uma visão cidadina, não dá maior ênfase à imigração de agricultores, ocupação destinada, no seu entender, apenas aos mais pobres. As maiores necessidades de imigrantes, segundo seu ponto de vista, são de artesãos (onde analisa as possibilidades de 29 ofícios), de artistas e sábios, de fabricantes e comerciantes.

Em conclusão, seria necessário analisar se aqui se trata apenas de um alegre e bem-humorado escrito propagandístico ou se seus objetivos eram mais sérios. É uma questão que quero deixar em aberto. Num primeiro contato, no entanto, parece-me que Hoermeyer estava realmente interessado em abrir uma porta para a desesperante situação de seus patrícios na Europa. Se, ao lado disto, tinha interesses diretos no engajamento de imigrantes, não impede que fosse um honesto entusiasta das possibilidades de progresso em nossa terra.

Mas, antes de mais nada, é uma fonte primária de alto valor, seja como descrição objetiva, seja como mentalidade e de expressão de uma concepção de vida, que merece ser traduzida, editada e divulgada. Quem se habilita ?

(De **Letras & Livros**, supl. do "Correio do Povo", de Porto Alegre, 1º de outubro de 1983.)

Nota da Redação. O outro livro de Hoermeyer a que se refere o autor deste artigo, **O que Jorge conta sobre o Brasil**, foi traduzido pelo General Bertholdo Klinger e publicado pela Editora Presença, do Rio de Janeiro, em 1966, com estudo introdutório intitulado "Joseph Hoermeyer e a sua obra relativa ao Brasil", de Abeillard Barreto. Constitui o volume segundo de uma denominada "Coleção Germânica". A edição original, **Was Georg seinen Deutschen Landsleuten ueber Brasilien zu erzaehlen weiss**, foi publicada em Leipzig, em 1863, quase dez anos depois da **Beschreibung der Provinz Rio Grande do Sul**, noticiada no presente artigo.

*